

A CAÇA ÀS BRUXAS E UMA DAS POSSIBILIDADES DE ANÁLISE

Isis Aluska dos Santos SILVA*

José Maxsuel Lourenço ALVES**

Ms. Kyara Maria de Almeida VIEIRA***

Para poder compreender o sentido do que se convencionou chamar de bruxaria, faz-se necessário lançarmos nossos olhos para um período considerado remoto na história da humanidade. Falamos das primeiras comunidades nas quais homens e mulheres, em contato com a natureza, viam nela sua origem e força criadora de tudo.

O ser feminino nessas comunidades estava diretamente relacionado com o que elas concebiam como o mais sagrado, *a terra*. Por que essa ocorrência? Percebia-se que da mesma forma que do interior da terra nascia o alimento necessário para a sobrevivência do sujeito, a mulher também gerava, no seu interior, uma nova vida. Dotada de um elemento especial, o ciclo menstrual, já que o sangue (o símbolo da vida), que brotava do seu ventre, representava a fertilidade. Assim, a mulher era aproximada ao divino, à mãe natureza, à mãe terra.

A partir da divisão sexual do trabalho na comunidade, as mulheres começaram a ter mais contato com plantas e ervas, enquanto os homens iam à caça. Dessa maneira, foi possível o conhecimento da utilização dessas plantas e ervas na cura de doenças, como também na construção de ritos de adoração à mãe terra. Percebemos assim o papel primordial da mulher no desenvolvimento da religiosidade, tornando-se sacerdotisas, responsáveis pelos contatos com o divino, nessas sociedades chamadas de “primitivas”.¹

As religiões patriarcais surgem posteriormente contradizendo essa concepção de religiosidade das primeiras sociedades. Para tais religiões, a mulher passa a ser tida como um ser sobrenatural e perigoso, que praticava a magia destrutiva, já que nas sociedades patriarcais o homem é o referencial para tudo. “Já não são mais os princípios feminino e masculino que governam juntos o mundo, mas, sim, a lei do mais forte.” (MURARO, 2002, p.7).

Essa mudança de significado está associada a inúmeros fatores, que vão desde a mudança na forma de organização humana (de nômades para sedentários; coletores, caçadores para agrários; de aldeias para cidades, cidades-estados, Estados, etc.) até o lugar institucionalizado do catolicismo, que se torna a religião oficial. E quando os cristãos deram-

*(UEPB)

** (UFCG)

*** (UFCG)

¹ Usamos o termo “primitivas” não no sentido de atrasadas, mas de primeiras, iniciais.

se conta da importância da deusa mãe para as pessoas, aumentou a proeminência da virgem Maria no culto cristão (século XII). Os deuses foram transformados em santos (as) (um exemplo é santa Brígida, da Irlanda, na verdade a deusa Bhrid, protetora do fogo e dos partos). Juntamente com pessoas ainda fiéis às antigas crenças, mantiveram o culto ao deus de chifres e a deusa mãe.

A situação da igreja até o século XIII era caótica. Correntes várias disputavam entre si, cada uma degladiando-se em favor de suas idéias. Nos numerosos concílios realizados, ora uma das correntes impunha sua visão, ora outra. Isso favorecia a uma desmoralizante mudança de dogmas, o que desacreditava a igreja. Algumas dessas correntes também criticavam a corrupção e o jogo de poder dentro da classe sacerdotal, e levantaram dúvidas sobre o poder espiritual do papado. A partir dessas disputas, foi então criado um instrumento de repressão: *O Tribunal da Santa Inquisição*, que consistia em um corpo investigatório, dirigido pela ordem dos dominicanos. Sua função primordial era a de acabar com as correntes que se opunham à Igreja (denominadas heréticas) ², através do extermínio sistemático de seus membros.

A posteriori, os cristãos perceberam outro uso para o seu tribunal, já que ainda persistiam os cultos aos deuses antigos, e, graças à transformação do deus de chifres pagão no demônio cristão, as bruxas eram acusadas de delitos como o canibalismo, a destruição de lavouras (acusar de tal crime uma religião dedicada à manutenção da fertilidade das colheitas é, no mínimo, paradoxal) e muitos outros. Em 1484, foi então proclamada, a Bula contra as bruxas pelo papa Inocêncio VIII. Neste documento, ele relacionava os crimes atribuídos às bruxas e dava plenos poderes a o Tribunal da Santa Inquisição para prender, torturar e punir todos (as) que fossem suspeitos do crime de “feitiçaria” ³. Em 1486 foi publicado o “*Malleus Maleficarum*”, escrito pelos dominicanos Kramer e Sprenger. O livro era um manual de reconhecimento e caça dos bruxos, e, principalmente, das bruxas. A partir daí, a Igreja abandonou completamente a postura de ignorar a bruxaria, iniciou-se então um período de 200 anos de terror conhecido entre as bruxas como “era das fogueiras”.

Mas as bruxas (e também hereges, doentes mentais, sodomitas, pessoas invejadas por poderosos, mulheres velhas e/ou solitárias) não pereciam só em fogueiras: eram também

² Heresia: literalmente “escolha”, quer dizer, adoção de idéias e posturas contrárias aos valores religiosos oficialmente aceitos pela comunidade. No caso da Idade Média, interpretações do cristianismo que divergissem dos adotados pela Igreja. Cf. Franco Júnior, 1988, p. 191.

³ Feitiçaria: “O termo feitiçaria traz consigo a idéia de “algo feito”, para alguns autores estando relacionada ao latim *fatum* = destino. Sua origem européia parece estar ligada à magia amatória ou erótica, desenvolvida na Grécia, ou, melhor dizendo, às operações mágicas vinculadas aos desejos e paixões amorosas, o que faz com que a feitiçaria, além de efetuar elucubrações mágicas, intervenha como intermediária de casos amorosos, com o auxílio da observação e de técnicas comuns e correntes às práticas amorosas.”. Cf. Nogueira, 2004, p.42.

enforcadas, esmagadas sob pedras, ou pereciam nas torturas. A inquisição tornou-se uma forte arma que servia a muitos objetivos: em época de forte repressão sexual, condenavam-se mulheres jovens, que eram despidas de frente a um grupo de investigadores, tinham todo o seu corpo revistado por diversas vezes e de diversas formas, á procura de uma suposta marca do diabo e por fim, eram açoitadas, marcadas a ferro e violentadas. Terminavam condenadas como bruxas. Seu crime: serem mulheres jovens, belas e invejadas. Anciãs que moravam sozinhas, geralmente em companhia de alguns animais como gatos (daí a ligação dos gatos com as bruxas), eram alvo de desconfianças e logo declaradas feiticeiras e assim assassinadas. Seu crime: serem mulheres com a sabedoria resultante da idade avançada, desvinculadas da companhia de um homem, e, portanto, independentes dos laços paternalistas.

Vale ressaltar que a perseguição às bruxas não resumiu-se apenas aos países católicos: espalhou-se pelo mundo protestante. Os protestantes não se guiavam pelo *Malleus Maleficarum*, mas davam razão aos seus preceitos baseando-se no uso de uma citação do Antigo Testamento (Êxodo 22,17): “A feiticeira não deixarás viver”. Na “era das fogueiras”, as praticantes da antiga religião adotaram o único comportamento que lhes possibilitaram a sobrevivência: foram ao subterrâneo, ou seja, mantiveram o máximo de descrição e segredo possível. A sabedoria pagã só era passada pela tradição oral, e somente entre membros da mesma família ou vizinhos da mesma aldeia. Por esse motivo acreditava-se que a diversidade bibliográfica escrita narrando detalhes de práticas consideradas de feitiços malignos, dificilmente tem sua criação realizada por bruxos, pois, “das mais de duas mil obras sobre bruxaria escritas entre os séculos XVI e XVII, a maior parte era de padres e monges” (BRASEY, 2006).

Como forma de proteção, os próprios bruxos ajudaram a desacreditar da sua imagem, sustentando que a bruxaria não passava de lenda, ou disseminando idéias de bruxos como figuras cômicas e caricatas, dignas de pena e riso. Por volta do final do século XVII, a perseguição aos bruxos fora diminuindo. Além das precauções tomadas por bruxos/as para amenizar a vigilância, temos uma ressignificação dos paradigmas que pautam as explicações de mundo, ressignificações estas que começam a ser gestadas em meados do século XVI (LE GOFF, 2005).

A existência e sobrevivência das práticas religiosas partia de um ponto primordial, qual seja a tentativa de explicar o mundo, a realidade, dar sentido a vida das pessoas, explicar as relações dentro da sociedade. E após a segunda metade do século XVI, paulatinamente, a razão foi tomando o lugar da fé, na mentalidade ocidental. A idéia de um projeto divino e da recompensa após a morte, ligadas como estavam a necessidade de ser um bom cristão, eram

idéias que se embatiam com as novas sensibilidades, com o surgimento dos burgos, o esfacelamento da coletividade, com a fragmentação do poder dos nobres e o surgimento de inúmeros segmentos sociais (LE GOFF, 2005).

Daí porque as explicações religiosas foram perdendo espaço para o saber científico, que culminam nos séculos XVIII/XIX com o surgimento da ciência moderna. Essas mudanças nas explicações do mundo possibilitaram que as fogueiras fossem cessando, mas não mudaria muito o significado das práticas associadas à bruxaria. Então, como explicar tais práticas sem dar-lhes como origem o demônio? Seria a bruxaria agora o resultado da falta de razão. Assim, as bruxas deixaram o lugar do pecado, do desvio moral, e passaram a ocupar o papel de loucas, sendo mandadas aos hospícios, uma vez que, as antigas práticas mesmo com toda repressão das Igrejas cristãs, permaneciam e se reconfiguravam na sociedade.

A maioria das vítimas dos Tribunais da Inquisição, não eram verdadeiras praticantes das artes da bruxaria, mas muitas bruxas pereciam na mão dos cristãos. Milhões de crimes como estes foram cometidos durante a Inquisição, paradoxalmente em nome de uma religião que se dizia de amor. Nunca uma religião demonstrou tanta necessidade de exterminar seus antagonistas como o cristianismo.

E em pleno século XXI, passados três séculos do fim da caça às bruxas (século XVIII), ainda vemos uma vigilância e uma negatização do feminino e dos códigos associados à experiência das mulheres. Além disso, ainda é visível o peso das religiões cristãs e a pouca habilidade em lidar com práticas religiosas diferentes do cristianismo.

As bruxas continuam existindo, em alguns aspectos, ainda sob o signo do maléfico. Mas, são bruxas que não podem ser queimadas vivas, e que estão professando há vários anos, valores hoje tão divulgados no mundo pós-moderno como: o exercício do prazer, a solidariedade, a união com a natureza. Sendo assim, a sobrevivência da bruxaria nos convida não só a re-inovarmos e re-inventarmos os significados do feminino, mas também nos impõe um questionamento aos paradigmas que têm nos orientado; estes vinculados à idéia de razão pura, objetividade, técnica, separação natureza/cultura, associados então ao masculino.

Bibliografia

- BRASEY, Edouard. *Caça às bruxas*. In. Revista História Viva – ano III. Nº. 35. P. 32-57. Setembro 2006.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum*. O Martelo das Feiticeiras. Tradução: Paulo Fróes. 16ª ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2002.
- KING, Francis. *Magia: mitos, deuses e mistérios*. Edições Del Prado, Madrid. 1996.
- LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- MURARO, Rose Marie. *Breve introdução histórica*. In. KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum*. O Martelo das Feiticeiras. Tradução: Paulo Fróes. 16ª ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2002.
- NOGUEIRA, Carlos R. Figueiredo. *Bruxaria e história: as práticas mágicas no ocidente cristão*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- Bíblia Sagrada: Mensagem de Deus. Editora: Santuário, 1994.